# VIDA HISTÓRICA DA FAMÍLIA SARAIVA LEÃO

**Fernando Câmara**

# I OS ANTEPASSADOS DA FAMÍLIA SARAIVA LEÃO NA REGIÃO DO ICÓ E DESCENDÊNCIA

No século XVII, quando a colonização atingia os nossos sertões, o Governador da Bahia, Roque da Costa Macedo, concedia em 24 de janeiro de 1682, sesmarias na ribeira do Icó, na chamada "Data dos Homens do Rio São Francisco", aos primeiros Montes chegados ao Ceará.

Eram de origem espanhola e perseguidos pela Inquisição, que lhes roubara os pais, fugiram para o Brasil aportando em Pernambuco, de onde se espalharam pelo Nordeste.

Um deles, João de Montes, também conhecido por João de Montes Bucarro, segundo o historiador Antônio Bezerra, foi oficial brioso e valente, merecendo do Rei de Portugal, D. Pedro II, a patente de Capitão do Terço dos Paulistas, em documento de 23 de dezembro de 1699.

Transferindo-se do Baixo São Francisco para o Rio Grande do Norte, e depois localizando-se a uma légua e meia da atual cidade do Icó, João de Montes fundou uma fazenda a que deu o nome de Pillar.

Desconhecemos por completo o nome de sua esposa, mas de seu enlace matrimonial deixou uma descendência de quatro filhos. Três deles merecem destaque:

1.º) — Francisco de Montes e Silva, falecido em 1748 aos 80 anos de idade, na Fazenda Pillar, herdada de seu pai. Era casado com D. Esperança Páscoa e deve-se a ele a criação da capela, depois Igreja Matriz do Icó. É que falecendo uma filha à falta de cemitério, foi sepultada no campo, causando isto profundo desgosto a sua genitora. Para aliviar as tristezas da esposa, Francisco de Montes erigiu a capela, que mais tarde seria a atual Igreja Matriz do Icó.

2.º) — Isabel de Montes, veio a se casar com um Feitosa, e mais tarde esta família entraria em luta com os Montes, na terrível guerra que tantas mortes trouxe para as duas tradicionais famílias sertanejas.

3.º) — Vitória Leonor de Montes, minha sétima avó materna, contraíu núpcias com o Alferes Gaspar de Sousa Barbalho, dos Barbalhos de Pernambuco. O dito Alferes deixou testamento em Quixeramobim, datado de 13 de julho de 1710, e veio a falecer no ano seguinte, ou seja, no dia 1.º de julho de 1711.

A fixação do casal Alferes Gaspar de Sousa Barbalho e Vitória Leonor de Montes nos sertões de Quixeramobim, proporcionaria o casamento de sua filha Ponciana de Sousa Barbalho com o Capitão de Milícias, Paschoal Correia Vieira, figura de grande destaque na colonização cearense, e natural de Porto em Portugal, onde veio ao mundo em 1686.

Paschoal e seu irmão Vitoriano Correia Vieira foram os colonizadores da ribeira do Banabuiú, cuja região dominavam, tendo deixado numerosa descendência.

A seu respeito, Antônio Bezerra — O Historiador, escreveu em **Algumas Origens do Ceará**, p. 141 o seguinte:

> "O Capitão Paschoal Correia Vieira requereu e obteve licença do Visitador João Cavalcanti Bezerra, por despacho de 27 de maio de 1719, para erigir no sítio uma capela a Nossa Senhora da Conceição, e o cura da freguesia de Russas, Padre Francisco Gomes da Silva, ir benzê-la, visto já se achar quase pronta."

É a capela da Barra do Sitiá o mais antigo templo religioso da região centro do Estado, mais velho mesmo que a Igreja Matriz de Quixeramobim, e hoje quase abandonado.

Do consórcio de Paschoal Correia Vieira com Ponciana de Sousa Barbalho nasceram oito filhos, um dos quais a minha quinta avó materna, Emerenciana Correia Barbalho, nascida em Quixeramobim no dia 15 de fevereiro de 1715, e casada com o Ten. Cel. Matias Pereira Castelo Branco, tronco dessa família no Ceará.

O seu esposo era personagem de projeção e gozava de muito conceito no Quixeramobim do século XVIII.

Basta dizer que por sentença do Juiz Apolinário Gomes Pessoa, de 28 de setembro de 1755, ele foi nomeado tutor do

único filho de Antônio Dias Ferreira, o rico português fundador da Fazenda Santo Antônio do Boqueirão, mais tarde cidade de Quixeramobim, quando este faleceu, deixando nada menos de vinte léguas de terras, partindo do atual município de Boa Viagem até a Barra do Sitia.

Onze foram os filhos do Ten. Cel. Matias Pereira Castelo Branco com a sua esposa, D. Esmerenciana Correia Barbalho, mas nos ocuparemos apenas da descendência do seu primogênito.

Chamava-se Capitão Antônio Pereira Castelo Branco e nasceu em 9 de setembro de 1772. Veio a contrair núpcias com D. Francisca Maria Leitão, filha do pernambucano Alexandre de Brito Pereira e Albina Ferreira do Souveral.

D. Francisca Maria Leitão era irmã do Ten. Cel. de Milícias, Antônio Saraiva Leão, tronco dessa família no Ceará e personagem ainda hoje venerada pela sua enorme prole. É o Papai Saraiva da Fazenda Saco, na Barra do Sitiá, onde já estivemos em viagem sentimental.

Da união conjugal do Capitão Antônio Pereira Castelo Branco nasceram treze filhos, sendo caçula a minha terceira avó materna, D. Tereza Antônia de Maria Seja Castelo Branco, conhecida por Mãe Teté, que se uniu em casamento ao primo legítimo, João Batista da Costa Coelho (Pai Joãozinho da Paraíba).

Este casal deixou tradição pela Fazenda Santa Tereza, em pleno sertão paraibano, dotada de todo conforto possível na época, com a Casa Grande construída por mestres vindos do Recife, a capela e cemitério privativos da família, estes dois últimos ainda hoje existentes, como testemunhas de um passado glorioso.

Ainda conheci, na minha infância em Quixeramobim, uma neta do ditoso casal, que falava francês, aprendido na escola da fazenda com professor vindo de Pernambuco e mantido pelo rico fazendeiro.

D. Tereza Antônia de Maria Seja Castelo Branco se notabilizou no período das grandes secas pela sua dedicação e generosidade sem par aos retirantes de tão cruel calamidade. Criou na Fazenda Santa Tereza uma comissão de socorro aos flagelados e sob a sua orientação distribuía diariamente gêneros aos que batiam à sua porta.

Em certa ocasião, chegou mesmo a retirar de seu corpo parte de suas vestes para cobrir uma pobre mulher, que estava em farrapos, praticamente despida.

Um seu genro vendo aumentar dia a dia o número de socorridos e diminuir o estoque de mercadorias armazenadas tentou demovê-la de tão nobre missão. Nada conseguiu. Insistindo novamente no assunto, Mãe Teté apenas respondeu:

O que comi, logrei,
O que dei, achei,
O que deixo, não sei.

O feliz casal teve sete filhos, sendo dois homens e cinco mulheres, a saber:

1.º) — Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, nascido em 23 de agosto de 1823, data em que a Igreja Católica comemora a festa de São Felipe Benício. Daí a tradição do nome Benício na família.

Bacharelou-se em Direito na 14.ª Turma da Faculdade de Olinda em 1845, contando na oportunidade apenas 22 anos de idade.

Apesar do conforto existente na Fazenda Santa Tereza, sempre gostou de passar férias na Fazenda São João (hoje distrito de Lacerda) no município de Quixeramobim, propriedade de Lucas Luiz Saraiva Leão, irmão mais velho de seu pai.

Ali conheceu D. Maria Alexandrina, natural do antigo Frade, hoje município de Jaguaretama, e membro da tradicional Família Bezerra de Meneses.

Com esta veio a se casar, na matriz de Santo Antônio, conforme assentamento existente no livro n.º 5, da Paróquia de Quixeramobim e que transcrevo:

"Aos dezenove dias do mês de agosto de mil oitocentos e cincoenta e sete pelas oito horas da noite nesta cidade de Quixeramobim, depois de preenchidas as formalidades de Direito, casei, e dei as bençãos nupciais aos nubentes, o Doutor Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, e Dona Maria Alexandrina Bezerra de Meneses, esta filha legítima do Sargento Mor José Bezerra de Meneses, já falecido, e de Dona Ana Bezerra de Meneses, natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, do Riacho do Sangue e moradora nesta de

Santo Antônio, e o nubente filho legítimo do Sargento Mor, João Batista da Costa Coelho, e de D. Tereza Antônia de Maria, natural da Freguesia e morador do Catolé do Rocha, na Província da Paraíba, sendo dispensados do impedimento de quarto gráu quadriplicado de consaguinidade lateral igual, foram testemunhos os senhores o Reverendíssimo Doutor Antônio Elias Saraiva Leão, e o Doutor Juiz de Direito Francisco de Assis Bezerra de Meneses; do que para constar mandei fazer este assento, que assigno a) — O Vigário Interino José Jacintho Bezerra"

Tanto o oficiante do ato religioso como o Juiz que serviu de testemunha eram irmãos da noiva, D. Maria Alexandrina Bezerra.

Como magistrado, o Dr. Antônio Benício foi o 1.º Juiz da Comarca de Baturité, e na política chegou a ser eleito deputado provincial pelo Ceará. Com a avançada idade de 97 anos, faleceu em Baturité no dia 26 de maio de 1920, deixando onze filhos, dos quais falaremos apenas de três, cujos netos aqui estão presentes:

a) — Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco (Totônio) esposo de sua prima Maria Abigail Furtado (Nenem) e genitores, dentre outros, de:

Antônio Benício Neto, casado com a prima Maria Violeta Bezerra, e pais de Woodrown, Harding, Haisse e Lace, aqui presentes.

b) — Matilde Alice, que contraindo núpcias com o primo Antônio Furtado (Furtadinho) foram os pais, dentre outros, do Bacharel em Direito, Dr. Antônio Furtado, uma das maiores expressões culturais que o Ceará já produziu, casado com Maria América Riker Furtado, ambos falecidos, e pais de Teolinda Furtado (aqui presente com o filho Gilberto) e outros.

c) — José Bougival Saraiva (Leão) meu avô materno e paterno da minha esposa e prima Thereza Christina. Ele passou, em certa ocasião, uma temporada nesta cidade de Orós, e o conheci nos últimos anos de vida, quando morou em Quixeramobim.

Vamos prosseguir a nossa história, continuando a falar nos demais irmãos do Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco:

2.º) — Clotilde Maria Saraiva da Natividade (Didi) que casou com o primo João Antônio Saraiva Leão, este irmão do ilustrado sacerdote, bacharel pela Faculdade de Olinda, Padre Dr. Antônio Elias Saraiva Leão. Os quatro filhos deste casal não lhe deram netos.

3.º) — Matilde Amélia Saraiva, segunda esposa do Desembargador Francisco de Assis Bezerra de Meneses. Sem descendência.

Permito-me, descrever em rápidas pinceladas a história desse casamento, que caracteriza o costume de uma época distante, quando os contratos matrimoniais eram negociados, sem que os nubentes tivessem qualquer afeição entre si.

Abramos um parêntesis, e retornemos ao terceiro quartel do século passado, quando era vigário de Quixeramobim o Padre José Jacintho Bezerra e ali também se encontrava o seu cunhado, Dr. Antônio Benício.

O padre tinha um único irmão, Dr. Francisco de Assis Bezerra de Meneses, que na oportunidade exercia a magistratura na então Província do Pará, após haver sido Juiz de minha terra natal.

No Governo Imperial, o poder judiciário tinha âmbito nacional, podendo o magistrado ser transferido de uma Província para outra.

Ficando viúvo e com filhos menores, longe do convívio familiar, esta situação causou profunda preocupação ao seu mano padre, que tratou logo de resolver o problema, facilitando-lhe um casamento.

Escreveu ao magistrado dizendo da sua angústia, em vê-lo sozinho, distante da família e sem ter alguém que desse assistência aos filhos. Disse, ainda, que estava disposto a ajudá-lo a procurar uma nova esposa, sugerindo que ele se casasse com uma das cinco irmãs do Dr. Antônio Benício.

Este, conversado antes pelo padre José Jacinto Bezerra, havia concordado em discutir a proposta com o seu genitor na Paraíba.

Apesar de não conhecer pessoalmente as jovens, o futuro desembargador aceitou incontinenti a sugestão do mano sacerdote e o credenciou a tratar do casamento.

Feito o pedido ao opulento fazendeiro, este aquiesceu enviando ao futuro genro o nome das cinco filhas para que escolhesse a sua esposa.

O viúvo agradou-se mais do nome de Matilde Amélia e essa foi a escolhida.

Marcada a data do casório, o Dr. Francisco de Assis Bezerra de Meneses toma o navio no Pará e desembarca no porto de Aracati.

Uma liteira já aguardava ali o ancioso noivo, que viajou logo para a Fazenda Santa Tereza, onde chegou na véspera do casamento.

Foi bem acolhido e hospedado na Casa-Grande de seus futuros sogros, mas não lhe apresentaram a noiva, o que o deixou impaciente.

No dia seguinte, pouco antes da celebração do enlace matrimonial, o Major João Batista (Pai Joãozinho) conduz o Dr. Francisco de Assis para uma sala vizinha, onde se encontravam sentadas as suas cinco filhas e pergunta ao magistrado qual delas era a sua noiva.

O Juiz não titubeou e apontando para Matilde Amélia foi taxativo: "É esta."

O Major João Batista ficou surpreso, pois tinha certeza de que os noivos não se conheciam e nem haviam se encontrado na fazenda. Isto confirmou também sua esposa, Mãe Teté.

Não contendo a sua curiosidade, mal acabou o casamento o sogro chama o genro e pergunta como havia adivinhado ser aquela a sua noiva.

O Dr. Francisco de Assis Bezerra de Meneses sorriu e respondeu: Ora! muito fácil, quando eu entrei na sala foi a única que ficou corada!

Fechamos o parêntesis e vamos continuar a relacionar os demais filhos do Major João Batista e de sua esposa e prima, D. Tereza Antônia de Maria Seja:

4.º) — Auta Felismina, que contraiu núpcias com Antônio Gervásio Alves Pequeno e são os avós paternos dos primos: Mário, Rui, Victor da Fonseca Saraiva, radicados no Rio de Janeiro e também sobrinhos-netos do Proclamador da República, Marechal Manuel Deodoro da Fonseca.

5.º) — Felismina Auta, gêmea com a anterior, esposa do primo, Major José Galdino Saraiva Leão, antigo proprietário da Fazenda Jericó, em Quixeramobim. Este casal são os

meus bisavós maternos e do jornalista Ciro Saraiva, e paternos, da minha esposa Thereza Christina e dos primos Dr. Luiz Carlos Saraiva e Lélio Caubi Saraiva, todos presentes neste Encontro de Orós.

6.º) — Francisca Clara Saraiva de Maria, uniu-se em casamento ao Sr. Pergentino Alves Pequeno, irmão de seu cunhado Antônio Gervásio.

Não deixaram descendência e sempre residiram na Paraíba.

7.º) — Ten. Cel. Sabino Benício Saraiva Leão Castelo Branco, o mais jovem da irmandade, nasceu no dia 30 de dezembro de 1829. Casou-se com a prima Maria Brasileira Saraiva de Andrade, filha de seus tios, Licenciado Plácido Francisco de Assis Andrade (tronco da família Andrade no Ceará) e de Felícia Antônia Saraiva de Andrade.

É lamentável que seus pais não o tivessem encaminhado aos estudos superiores em Olinda ou Salvador, como o fizeram em relacão ao seu irmão, Dr. Antônio Benício, pois, o Ten. Cel. Sabino Benício Saraiva Leão era homem letrado, que acompanhava atentamente a vida pública do Brasil, mantendo assinaturas de jornais da Paraíba, Pernambuco e até mesmo da antiga Capital da República.

Sempre viveu na Paraíba, onde nasceram os quatro filhos de seu enlace matrimonial com a prima Maria Brasileira:

a) — João Batista Saraiva Leão (Janjoca) que casou duas vezes e veio a falecer em 8 de dezembro de 1917, deixando prole, apenas do primeiro casório;

b) — Sabino Benício Saraiva Leão Filho (Binô) que casou com Júlia de Almeida Saraiva, irmã de sua cunhada Maria Clara. Faleceu em 16 de maio de 1933, deixando descendência.

c) — Felícia Antônia, falecida inupta em 19 de julho de 1892.

d) — Plácido Francisco Saraiva Leão, homem destemido que soube enfrentar as investidas da família Saldanha, inimiga no passado de nosso clã. Era casado com Maria Clara de Almeida Saraiva, e pais, dentre outros filhos, do patriarca Asteclides Saraiva Leão, presença por demais querida nesta 5.ª Convenção da Família Saraiva Leão em Orós.

São netos do casal Plácido Francisco e Maria Clara os primos, João Olímpio Filho, Drs. Sebastião e Plácido Alves Saraiva, Isa, Irmã Inês e Douraci, todos prestigiando, hoje, o nosso encontro com o passado.

Encerramos aqui a nossa viagem no tempo sobre os antepassados da Família Saraiva Leão na região do Icó e os seus descendentes.

Meus Senhores,

Como Presidente da Comissão Promotora do V Encontro da Família Saraiva Leão, cabe-me, neste momento, secundar os agradecimentos já manifestados por Rafael Pordeus ao nosso estimado Prefeito Municipal, Engenheiro José Wellington Costa Rolim, e às demais autoridades e convidados especiais.

Sensibiliza-me profundamente a presença de dois amigos da imprensa, que aqui se encontram com os seus familiares: o jornalista escritor, José Caminha Alencar Araripe, Presidente da Associação Cearense de Imprensa, Diretor do jornal O POVO, e meu colega no Instituto Histórico do Ceará e na Academia Brasileira de História; o outro é o jornalista Edmundo Vitoriano, gente boa, amigo sincero e prestativo, a quem devo também, inúmeras gentilezas.

Não posso deixar de registrar a presença de Ciro Saraiva, primo e jornalista, que representa igualmente neste memorável acontecimento a Uirapuru — Rádio e TV Canal-8, juntamente com outro parente, o cinegrafista Stênio Saraiva.

Envaidece-nos a presença honrosa de Luiz Furtado de Andrade, Presidente do Banco do Estado do Ceará S/A, o qual, pela segunda vez prestigia o Encontro da Família Saraiva Leão.

Sinto-me feliz em participar desta confraternização, que reúne o passado ao presente, para dar-nos a esperança de que o futuro nos conservará sempre unidos.

Pela intercessão de Santa Tereza de Ávida, a Santa de devoção da família Saraiva Leão, nos conservemos sempre amigos, por todas as gerações, até a consumação dos séculos!
Orós, 20/04/1980.

(Conferência pronunciada na V Convenção da Família Saraiva Leão realizada na cidade de Orós em 20/4/80)

## II NA CONVENÇÃO DA FAMÍLIA SARAIVA LEÃO EM JERICÓ

É com grande satisfação que nos reunimos mais uma vez, em confraternização familiar, para conhecer um pouco de história da família Saraiva Leão e as suas tradicionais propriedades, existentes no município de Quixeramobim.

Este marcante acontecimento só nos foi possível realizar graças à boa vontade dos primos Antônio Augusto Saraiva Leão, seus filhos Dr. Luiz Carlos Saraiva e Lélio Caubi Saraiva, os quais, juntamente com as esposas, tudo fizeram para que a nossa excursão alcançasse o êxito desejado.

Nesta oportunidade, não podemos olvidar o nome de outro primo, que muito se interessou pela realização deste memorável encontro, e durante a nossa permanência em Quixeramobim foi o verdadeiro anfitrião.

Refiro-me a Woodrown Benício, este parente fabuloso, que tanto venera a memória de nossos antepassados, as tradições de família, e encontra-se sempre disposto a participar e colaborar conosco em todas as promoções, tal como já aconteceu em Santa Tereza, na Paraíba, depois em Morada Nova e agora nesta centenária Fazenda Jericó.

Sentimo-nos profundamente honrados em contar nesta reunião de família com a presença do primo Luiz Gonzaga Furtado de Andrade, atualmente desempenhando destacada função na vida pública cearense.

Isto não o impediu de vir até aqui participar das nossas alegrias e prestigiar a quarta reunião da família Saraiva Leão.

O êxito deste certame muito se deve à divulgação feita em nossos meios de comunicação e Ciro Saraiva foi um dos responsáveis pelo sucesso da convenção.

A eles os nossos agradecimentos, e, a todos, enfim, que prestigiaram com as suas agradáveis presenças a este memorável encontro de Quixeramobim.

Quem se dedicar à pesquisa da família Saraiva Leão terá sempre de frente a figura majestosa do Tenente-Coronel de Milícias Antônio Saraiva Leão, considerado pelo Barão de Studart, como opulento fazendeiro e tronco desse clã aqui no Ceará.

Sua enorme descendência o cobriu de glória patriarcal, e até hoje, não obstante a decorrência de quase 150 anos do seu falecimento, seu nome é sempre pronunciado com muita admiração e respeito.

Papai Saraiva, como se tornou conhecido na intimidade da família, era filho do pernambucano Alexandre Pereira de Brito e de Albina Ferreira do Souveral e foi casado com Ana Batista da Costa Coelho.

Grande fazendeiro na ribeira do Banabuiú, vivia da agricultura e pecuária, comerciando gado com os vizinhos Estados de Pernambuco e Paraíba.

Em vida, procurou situar os filhos nas diversas propriedades que possuía nos atuais municípios de Russas, Morada Nova, Quixadá e Quixeramobim.

Um deles, João Batista da Costa Coelho, meu trisavô materno, radicou-se na Paraíba, no então município de Catolé do Rocha, e lá deixou numerosa descendência, conhecida como os Saraiva de Santa Tereza, nome de sua propriedade.

Outro, Capitão Lucas Luiz Saraiva Leão, casado com a prima Ana Rita Santiago, estabeleceu-se em Quixeramobim, na Fazenda São João, que se tornou depois a sede do atual distrito de Lacerda.

Com a morte do Capitão Lucas em 8 de janeiro de 1873, a propriedade foi dividida entre os filhos, fundando-se novas fazendas, como Jericó, que ficou para Antônio Galdino Saraiva Leão, Marajó, destinada ao Major João Batista e o que restou do antigo São João, para os demais herdeiros.

Lucas Luiz Saraiva Leão era homem de muito prestígio na antiga vila do Campo Maior de Quixeramobim, tendo militado na política do Partido Conservador e integrado a Guarda Nacional com a patente de Capitão.

O saudoso Ismael Pordeus, irmão do meu estimado parente e amigo Rafael Pordeus, em sua obra **A Margem de Dona Guidinha do Poço**, faz a seguinte referência deste meu quarto avô materno:

> "O Capitão mór José dos Santos Lessa em 31 de maio de 1827 é demitido, a pedido, do cargo de Comandante Geral da Polícia da Vila e Termo de Quixeramobim, sendo então substituído no referido cargo, pelo Capitão Comandante do 4.º Esquadrão do Regimento nº. 34, da Cavalaria Ligeira da 2.ª Linha — Lucas Luiz Saraiva Leão — atendendo as bôas qualidades concorrentes na sua pessôa, segundo expressões do Presidente da Província".

Tinha na oportunidade apenas trinta e seis anos de idade, para ocupar um cargo de muita responsabilidade e destaque para a época.

Basta dizer que o seu antecessor Capitão mór José dos Santos Lessa era homem de idade septuagenária quando se exonerou.

Pelas crônicas existentes e ouvidas das minhas tias-avós, falecidas em idade quase centenária, a Fazenda São João era a preferida dos parentes para as invernadas.

O meu bisavô materno, Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, quando acadêmico de Direito da Faculdade de Olinda, vinha passar férias na casa deste meu quarto avô, que era irmão de seu pai João Batista da Costa Coelho (Pai Joãozinho).

Foi em um desses passeios que conheceu a sua futura esposa, Maria Alexandrina, natural do Riacho do Sangue e membro da família Bezerra de Meneses.

O meu pai Miguel Fenelon Câmara quando foi a Baturité, em 1919, contrair núpcias com minha mãe Thereza Heloísia Saraiva Leão ouviu o próprio Dr. Benício recordar "os passeios feitos na fazenda do Tio Lucas".

O Jericó, desmembrado da antiga Fazenda São João, cujo nome revela a religiosidade da família, teve em Antônio Galdino Saraiva Leão seu primeiro proprietário.

Este foi buscar na Barra do Sitiá a sua esposa: a prima Matilde Tereza da Trindade, irmã do douto sacerdote Padre

Dr. Antônio Elias Saraiva Leão, a mais destacada personagem desse clã no século passado.

Das núpcias realizadas na Fazenda São João, em 8 de novembro de 1835, nasceram quatro filhos, o mais velho dos quais, meu bisavô materno, José Galdino Saraiva Leão, major da Guarda Nacional.

O seu casamento nos revela o costume da época. Foi contratado pelos pais, sob a orientação do Padre Dr. Antônio Elias Saraiva Leão, o conselheiro da família.

Dizem que o Major José Galdino não gostou da escolha, embora se tratasse de uma prima, natural da Fazenda Santa Tereza na Paraíba e filha de seus tios João Batista da Costa Coelho e Tereza Antônia de Maria Seja.

A noiva era bem alta, forte e morena, contrastando com a figura do primo, homem baixo e seis anos mais jovem do que a futura esposa.

É de supor-se que a família dele tinha o maior interesse na realização do enlace matrimonial, pois o futuro sogro e tio era homem muito rico e cada filha que se casava recebia como dote: um casal de escravos, cinco contos de reis em ouro, um conjunto de joias e um jogo de baús de couro com pregarias, confeccionado pelo próprio genitor da noiva.

Ainda conheci um destes baús em casa da saudosa prima Maria Rosalba Saraiva Leão. Ignoro o seu destino.

Realizou-se, enfim, o casamento do Major José Galdino com a prima Felismina Auta, residindo o jovem casal primeiramente em Santa Tereza, na Paraíba e depois no Jericó.

Quatro foram os seus filhos, sendo caçula a minha avó materna, Tereza Cristina Saraiva Leão (Tetezinha) exemplo da mulher cristã dedicada inteiramente ao lar e à Igreja.

Mantendo outra tradição da família, minha avô Tetezinha casou-se com o primo José Bougival Saraiva Leão, filho dos seus tios Dr. Antônio Benício Saraiva Leao Castelo Branco e Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco.

Meu avô Bougival Leão, que ainda conheci quando criança, era homem altivo e temperamental.

Quando rapaz foi cadete do Colégio Militar do Rio de Janeiro e durante a Revolta da Armada era simpatizante da causa de Custódio José de Melo, disto não fazendo reservas.

Tinha como comandante Moreira Cesar, que se tornou conhecido depois na Guerra de Canudos.

Abandonando a vida militar retornou ao Ceará e mais tarde casou-se com a prima Tereza Cristina Saraiva Leão (Tetezinha) fixando residência na Fazenda Jericó, onde nasceu minha mãe, Thereza Heloísa, segunda filha do ditoso casal.

Hoje, visitando a tradicional e decantada Fazenda, reverencio com especial carinho a memória de todos os meus antepassados, que deram tudo de si pela grandeza desta propriedade, e rendo graças a Deus Pai em observar que o Jericó permanece firme no seio da família Saraiva Leão, como jóia do mais alto valor, guardado no relicário de nossos corações!
(Conferência pronunciada na IV Convenção da família Saraiva Leão realizada na centenária Fazenda Jericó, em Quixeramobim, no dia 8 de setembro de 1979)